



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

**Versão do arquivo anexado / Version of attached file:**

Versão do Editor / Published Version

**Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:**

Sem URL

DOI: 0

**Direitos autorais / Publisher's copyright statement:**

©2022 by UNICAMP/IA. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

## MESA TEMÁTICA

# CORPO E SEUS ESPAÇOS: REAIS, VIRTUAIS E IMAGINÁRIOS

Holly Cavrell  
Gabriel Tolgyesi  
Juliana Tarumoto  
Rodrigo de Castro  
Letícia Tadros  
Flávio Lima

### Resumo

Site-specific, espaços não-convencionais, espaços alternativos...dentre as diversas terminologias que surgiram em diferentes períodos nas artes, em resposta ao momento que a sociedade atravessava, nos deparamos hoje com uma nova experiência sobre corpo e espaço. Em decorrência da pandemia causada pelo vírus da COVID-19, e a necessidade do isolamento social, foi através do espaço virtual, que as atividades seguiram seu curso durante os anos de 2020-2021. Hoje estamos vivendo uma experiência híbrida, presos entre um vírus infeccioso e avanços médicos que nos deram mais liberdade social. Nessa realidade, passamos a depender de soluções digitais, retornando às atividades presenciais. Nossa capacidade sensorial lembra mundo destemido e irrestrito que tinge o tempo presente com jornadas imaginativas de readaptação e sobrevivência. Transitamos entre os espaços reais, virtuais e imaginários, a todo momento, e nestes atravessamentos, questionamos sobre as relações do corpo nestes espaços. Esta mesa temática, do grupo de pesquisa Cia Domínio Público, liderado pela profa. Dra. Holly Cavrell, busca refletir sobre como os artistas da cena entendem e seguem digerindo o corpo nestes diferentes espaços, sendo atravessados pelo contexto sociocultural e histórico que vivemos. Os seguintes relatos são sobre as apresentações do grupo de pesquisa “Domínio Público” no IX Seminário Mario Santana no dia 23 de agosto de 2022. Presentes no grupo foram a Profa. Holly Cavrell, Gabriel Tolgyesi, Rodrigo de Castro, Juliana Tarumoto, Letícia Tadros e Flávio Lima.

**Palavras-chave:** Corpo. Espaço. História.

### Abstract

Site-specific, unconventional spaces, alternative venues are among the various terminologies that emerged in different periods in the arts, in response to the moment and the social/political contexts encountered during that time. Today we are faced with a new experience about body and space. Result of the pandemic caused by the COVID-19 virus, and the need for social isolation, it was only through virtual space that allowed for activities to follow their course during the years 2020-2021. Today we are living a hybrid experience, still caught between an infectious virus and medical advances that have given us more social freedom. In this reality, we have come to continue to depend on digital solutions, while also returning to face-to-face activities. Our sensory ability to remember a fearless and unrestricted world that paints the present time with imaginative journeys of readaptation and survival. We move between real, virtual and imaginary spaces at all times and, in these crossings, we question how the body relates to these spaces. This thematic panel, from the research group Cia Dominio Público, led by Prof. Dr. Holly Cavrell, seeks to reflect on how performing artists understand and continue to experiment the body in these different spaces, while all along being affected by the sociocultural and historical context we live in. The following texts are written about the presentations of the research group “Domínio Público” at the IX Mario Santana Seminar on August 23, 2022. Present in the group were Prof. Holly Cavrell, Gabriel Tolgyesi, Rodrigo de Castro, Juliana Tarumoto, Leticia Tadros and Flavio Lima.

**Keywords:** Body. Space. History.

**Depoimento da profa.  
Holly Elizabeth Cavrell**

Ao preparar o terreno para ver e experimentar o corpo e suas inúmeras maneiras de ocupar espaço, decidi trabalhar com a ideia de como e onde olhamos para as coisas. Neste caso, foram grandes murais fotográficos que utilizei como material, quando trabalhei na pesquisa de pós-doutorado na Philadelphia, Pensilvânia (EUA). Isso foi determinando o relacionamento e a percepção do olhar do espectador sobre o objeto ou imagem vistos. A avaliação de uma imagem é relativa ao local em que é observado. Quando é visto, como isso (olhar do espectador) se relaciona ou é modificado pela história pessoal daquele que olha. Quando algo não é completamente visto, isso diminui o efeito ou aumenta a imaginação? Como posso começar a manipular a perspectiva do público e criar um sentimento diferente sobre o que está sendo visto?

O público consistia de estudantes e professores de graduação e pós-graduação do Instituto de Arte do Unicamp, além de alguns visitantes. A intenção era estabelecer imediatamente o tom proativo da apresentação do grupo. Em outras palavras, em vez de receber o público em um painel de discussão convencional explicando a pesquisa, atraímos as pessoas à experiência de descobrir o uso do corpo e do espaço, introduzindo uma lógica prática empírica por meio de diferentes projetos de pesquisa dentro do grupo.

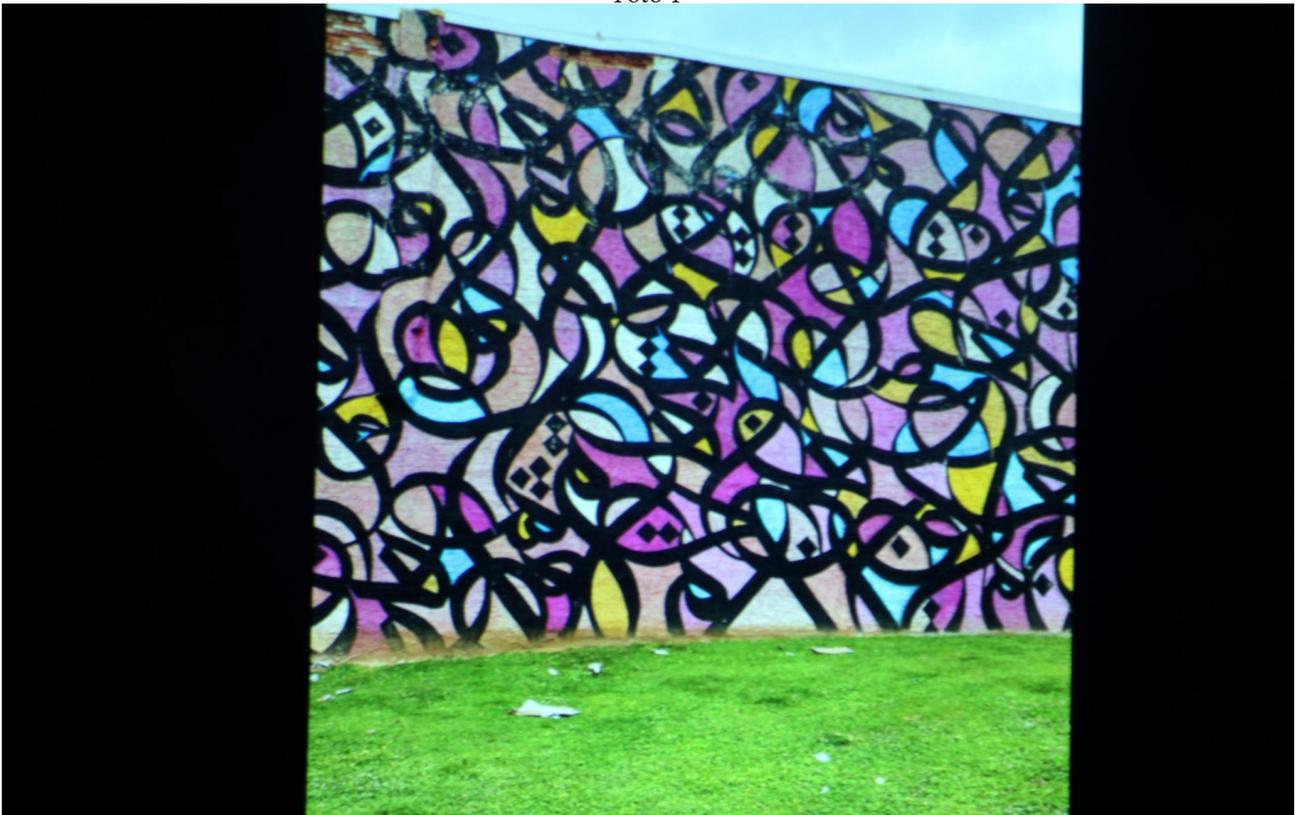
A Cia. Domínio Público começou como um grupo experimental de dança contemporânea em 1995. O grupo, desde sua criação, incentiva intérpretes de outras áreas artísticas a participarem do processo criativo, ampliando assim o leque de expressão de uma obra com o objetivo básico de alcançar e unir uma variedade de públicos de diferentes esferas da vida. À medida que a Domínio Público passou a ser um grupo de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena, nunca perdeu o elemento essencial de permitir que a experiência de um momento passe

primeiro pelo corpo antes de compreendê-lo intelectualmente ou estruturalmente.

Nesta experiência de abertura, a utilização do mural e a designação de diferentes perspectivas espaciais foram tarefas importantes. Ao encorajar o público a tornar parte de uma experiência coletiva ativa, pedi aos espectadores que escolhessem pontos de observação individuais cada vez que um slide mudasse. Para evitar que o assunto em uma mesa de discussão se torne tedioso ou mesmo inacessível, quando apenas um pequeno grupo já está familiarizado com o assunto, o uso de uma experiência física permite uma experiência comum, uma vez que instruções específicas são dadas e seguidas por todos. Caso isso não aconteça, ou seja, em um painel tradicional onde não há participação física do público, a experiência é singular e isolada. Ao adotar uma abordagem prática e incorporar os pensamentos como ações, o público se conecta ao tópico quase que imediatamente e pode se relacionar melhor com toda a experiência como um coletivo. Acho que o público se cansa depois de ficar sentado por longos períodos e manter o mesmo foco, que durante uma apresentação seria na pessoa que fala ou no PowerPoint projetado.

O momento e a variedade da apresentação de cada membro do grupo detinham o interesse público. Num público de aproximadamente 70 pessoas, foi emocionante observar como se organizavam a cada mudança de slide. Foram projetados 6 slides e no 4º slide os espectadores exploraram o espaço, subindo escadas e arquibancadas na sala para adquirir uma perspectiva diferente do mural. Ou seja, o público passou a entender o espaço de forma intuitiva e, voluntariamente, fez escolhas para mudar sua distância da tela e do mural. O conteúdo do mural também influenciou na atração ou rejeição do espectador. Esta primeira experiência tornou-se um excelente aquecimento para o resto das apresentações práticas da Domínio Público, uma vez que o público foi convidado a participar ativamente desde o início.

Foto 1



Fonte: Acervo IX Seminário Mario Santana. Foto de Anelise Ferrão. O mural exibido pertence ao acervo de Holly Cavrell, localizado na cidade de Philadelphia, Pensilvânia (EUA).

**Depoimento de Gabriel Tolgyesi**  
**Uma reflexão pós-acontecimento: ativar um espaço do corpo que dê corpo a uma história**

Ação: lanço no ar um punhado de folhas sulfite A4 em branco. As folhas A4 caem pelo espaço, e algumas ficam presas no gradeado do teto da sala AC04 do curso de Artes Cênicas. Lanço-me ao chão. Começo a rastejar, emprego alguns movimentos geminais de danças contemporâneas de chão, e exclamo para as pessoas presentes na sala a frase “buonasera, Natasha<sup>1</sup>”. Era manhã de 23 de agosto de 2022 - e não noite conforme se espera da palavra italiana ‘buonasera’, que pode ser traduzida como “boa noite”. Repito a frase na expectativa de resposta do público presente com a frase “buonasera, Katuxa”.

Após a resposta, agradeço o público e dou continuidade a uma verborragia aliada a movimentos corporais lânguidos e rastejantes pelo chão. Não paro de falar, deixo fluir tudo que se passa na minha mente/corpo, entre gestos e palavras. Tento ao máximo retornar às questões motivadoras de nossa mesa/encontro/espaço de trocas: os espaços reais, virtuais e imaginários. Ao mesmo tempo, busco compartilhar e contextualizar o público sobre o que me propus a respeito dessa temática: partilhar modos que venho pesquisando no doutorado a partir do que chamo de ‘coleções de gestos’, tentando articular e compreender mais sobre os conceitos/perspectivas de ‘espaço do corpo’ (GIL, 2013) e sobre ‘dar corpo à história’ (CAVRELL, 2015).

<sup>1</sup> A frase “buonasera, Natasha” é proveniente de um vídeo que se tornou meme e se difundiu pelas redes sociais, como Instagram, Twitter e Youtube, no início do ano de 2021, na qual a apresentadora Katuxa Close cumprimenta Natasha Simonini na festa de aniversário de Bambola Star do ano de 2011, na Itália. O trecho do vídeo que repercutiu nas redes sociais pode ser visto aos 12’25” do vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=sak5OT6zFso>. Acesso em: 23 out. 2022. Entre os memes gerados, por exemplo pela página @saquinhodelixo, estão <https://twitter.com/saquinhodelixo/status/1349014722381799432>. Acesso em: 23 out. 2022.

Durante a apresentação, muitas informações e conteúdos explodem em minha cabeça de modo simultâneo. Ao tentar articular essas ideias e expô-las, acabo por desarticular meu corpo e minha fala, saltando entre temas, cooptando o público a esse meu espaço e funcionamento imaginativo-sensorial.

Segundo José Gil, “[...] o espaço do corpo é a pele que se prolonga no espaço, a pele torna-se espaço. [...] e nasce a partir do momento em que há investimento afetivo do corpo” (2013, p.45). Por isso, segundo o autor, esse espaço é vivido por todas as pessoas em diferentes situações. Esse espaço do corpo é, ao mesmo tempo, um espaço objetivo e subjetivo: possui uma densidade de ar distinta para quem se implica nele (público, ator). Relaciona-se a ações e interações em e com um espaço, e proporciona uma nova configuração, do mesmo de modo que ele se distorça (se amplie, se contraia, entre outros). Esse ‘espaço do corpo’ gera um perímetro imaginário e concreto de segurança, o que garante às pessoas implicadas uma certa fluidez nos desenvolvimentos de ações. Essas ‘novas fronteiras’ possibilitam uma concretização (ainda que subjetiva) de virtualidades e imaginação da pessoa que manipula esse espaço, como uma projeção exterior de seu espaço interior/interno.

Entre minha verborragia e meu rastejar, formou-se um círculo de pessoas em meu entorno. Tento, ao performar, quebrar essa configuração circular, passando por entre as pessoas. Um pouco se altera, mas algo se mantém: seria esse o espaço do corpo? Seria esse meu espaço interno já externalizado?

Em meio a esse meu meltdown, entre falas e danças, apresento alguns dos meus procedimentos de pesquisa: escrevo palavras-chave nas folhas lançadas ao início da apresentação, sendo uma palavra por folha. Cada uma dessas folhas funciona, para mim, como um corpo dispositivo/disparador, que ativa (pode ativar) uma memória específica, e me permite organizar e

visualizar espacialmente aquilo que está em meu pensamento. Assim, consigo colecionar e organizar, por exemplo, gestos e memórias que constituem partes de minha identidade.

Nesse sentido, durante a apresentação é dado um corpo à (minha) história em um trânsito dialógico entre ler e escrever, perceber e agir, recordar e registrar. ‘Dar corpo a história’, segundo relata Holly Cavrell, se relaciona a “[...] tentar romper a imobilidade de ler a história como um compêndio estático de fatos e, ao invés disso, [ler a história] como uma paisagem de confluências às quais uma infinidade de corpos se movem no espaço e tempo” (CAVRELL, 2015, p. 247). Por esse viés, minha ação prática durante a apresentação da mesa objetivava tornar visível um certo espaço específico desse fluxo, reimaginando histórias e memórias, e simultaneamente, buscando ativar nas pessoas participantes suas próprias memórias e estésias.

Durante a apresentação, em meio a partilhar processos, escrever, expor lembranças e memórias, eu lançava perguntas ao público: Qual o chão que você pisa? Can you teach me your favorite dance move<sup>2</sup>? Com quem você aprendeu esse passo que você gosta de fazer? Quem ensinou essa pessoa? Qual o seu chão? Qual seu passo de dança favorito? Você pode compartilhar com a gente? Como você nomeia ele?

Para que as perguntas não ficassem retóricas, solicitei, durante a apresentação, que as pessoas se dividissem em grupos, e que cada integrante sintetizasse em uma palavra-chave numa folha de papel o seu passo de dança favorito. Feito isso, pedi que as pessoas dançassem, umas para as outras, seus passos de dança favoritos na sala, e que tentassem ‘roubar’ esses passos.

Novo caos instaurado, novas configurações espaciais: foi possível ver um relance de espaços internos sendo externalizados, outros espaços de corpos. Por um momento, foi possível observar as pessoas que estavam ‘plateia’ tornarem-se agentes, e assim, darem espaços do corpo a algo de suas histórias.

<sup>2</sup> Frase emprestada do influenciador digital Ed People, que aborda diferentes pessoas na rua ao redor do mundo e busca aprender seus passos de dança favoritos. Ed People compartilha suas atividades em diferentes redes sociais, como Instagram e TikTok. Um pouco de suas atividades pode ser visto no link <https://www.youtube.com/watch?v=jOvmKHtbaUA>. Acesso em 23 out. 2022.

### **Depoimento de Juliana Tarumoto Reflexões entre os espaços: o diálogo entre o real, virtual e imaginário**

A participação do grupo de pesquisa Domínio Público no “Seminário de Pesquisas do PPG Artes da Cena - IA - UNICAMP ‘Mario Santana’” ocorreu em um formato que confronta os formatos tradicionais de eventos acadêmicos. A começar pela organização do espaço e a ausência de cadeiras e mesas: os integrantes do grupo estavam lado a lado dos participantes; todos foram convidados a deixar seus cadernos e pertences no canto da sala e a se acomodarem (sentados, deitados, de modo confortável) pelo espaço. Enquanto em ambientes e eventos acadêmicos temos a referência de não utilizar os aparelhos celulares, os participantes desta mesa foram, muitas vezes, encorajados a proceder ao contrário: a utilizar o aparelho para melhor aproveitamento do que foi compartilhado. Os participantes, muitas vezes, se tornaram protagonistas, a partir do momento que suas experiências e participação ativa revelavam o que os integrantes do grupo de pesquisa Domínio Público se dispôs a apresentar.

Dentre deste contexto, no âmbito da mesa temática “Corpo e seus Espaços: Reais, Virtuais e Imaginários”, busquei compartilhar alguns pontos que fazem parte da minha pesquisa de mestrado, orientada pela profa. Holly Cavrell, com o intuito de não trazer afirmações, mas lançar perguntas e reflexões; de modo que os participantes também pudessem experienciar o que vem me motivando em seu próprio fazer.

O conceito de espaço sempre me instigou e, como artista da cena, esses questionamentos também se fazem presentes ao dançar. Esta relação e percepção da influência do espaço em minha prática se tornou mais forte durante o momento do isolamento social provocado pela pandemia COVID-19. Durante este período, mudei de casa, cidade e país e, independente do espaço que passei a ocupar, a busca era sempre de estar mais próximo a um estúdio de dança. Com o decorrer, foi se evidenciando que tudo à

minha volta me influenciou, inclusive o fato de que, para além do espaço real que eu ocupava, as janelas dos aplicativos de videoconferência, que foi o formato que a maioria das aulas e ensaios de então, também influenciaram minha pesquisa de movimento.

Esta percepção trouxe à tona a existência de um novo espaço: o espaço virtual. Neste contexto específico, sabemos que utilizar os meios virtuais e digitais se tratou a priori de uma estratégia de continuar existindo, de uma forma que artistas encontraram para seguir suas pesquisas e trabalhos. Bench (2020) nomeia como *dance-media*<sup>3</sup>, a dança que ocorre no meio digital. Para a autora, ao considerar a “dança como uma prática física também registra a restrição e possibilidades destes espaços, misturando realidades corporificadas com os espaços da tela para imaginar e direcionar novos maneiras de se mover no coletivo.”<sup>4</sup> (Bench, 2020, p.2, tradução nossa). Acredito que a possibilidade de fazer dança através do espaço virtual, remete a outro espaço: o espaço imaginário. Ao me relacionar com o outro mediado por uma tela e aplicativo de videoconferência, para além de ser influenciada pelo espaço real que estou, também me relaciono com o espaço virtual do outro e o que imagino estar para além do que se limita nas janelas dos aplicativos.

Sinto-me em concordância com muitas reflexões de Bench (2020), como as apresentadas acima. Considerando que para além do espaço real e virtual que é experienciado em processos criativos em dança mediado por telas e aplicativos de videoconferência, ao reconhecer e experimentar o espaço imaginário aproxima e torna mais potente a possibilidade de criações que ocorrem em coletivo, mesmo que a distância, fato que muito tem me interessado. Porém, ao mesmo tempo, a mesma autora apontou anteriormente um conceito que me instigou a participar do seminário e, compartilhar essas experiências com os participantes.

Bench (2008) propõe o *no-space*<sup>5</sup>. Para ela, este local permite que as danças sejam

<sup>3</sup> Manteremos o termo em sua língua original por não haver uma tradução oficial do conceito. Refere-se às danças que ocorrem através dos meios de comunicação digitais.

<sup>4</sup> Do original: “But dancing as a physical practice also registers the constraints and possibilities of these spaces, merging embodied realities with screen spaces to imagine and enact new ways moving together.” (Bench, 2020, p. 2).

<sup>5</sup> Manteremos o termo na língua inglesa, entendendo que uma possível tradução seria o não-espaço.

mediadas através de plataformas digitais e analógicas, porém sem estar atrelada a um espaço físico. Assim, as danças que ocorrem no no-space não dependem do espaço físico, existindo no espaço virtual e convocando o espaço imaginário. A partir da minha experiência ao participar de criações à distância, ainda não fico convencida da existência deste contexto, mesmo diante da possibilidade das ferramentas tecnológicas e digitais alterarem o espaço virtual, acredito que na pesquisa de movimento, independente de onde o artista do corpo esteja, este será influenciado pelo mesmo. Instigada por estas questões, minha participação no seminário se deu a partir do seguinte roteiro:

1- Cada participante utilizará seu celular para esta ação, ingressando na sala do google meet através do QR code disponibilizado. Aqueles que não possuem, poderão acompanhar através do telão.

2- Ingressar na reunião do google meet, com os áudios e câmeras desligados.

3- Todos caminham pelo espaço e escolhem um lugar para estar. Neste espaço, sintam-se à vontade para escolher seu posicionamento e o de seu celular.

4- Observar o espaço de escolha e como se posicionou neste espaço. Como seu corpo percebe o espaço?

5- A partir do espaço e de como se encontra, realizar um gesto e repeti-lo. Alterar em realizar o gesto e observar os outros através do telão.

6- Repetir estes passos algumas vezes.

7- Após a última vez, lançar as seguintes perguntas:

- Para posicionar a câmera, esta escolha foi influenciada pelo espaço que escolheu?

- O gesto foi influenciado pelo espaço real?

- O que é visível através do telão (espaço virtual) é influenciado pelo o que está ao redor (espaço real)?

- É possível esquecer o espaço real diante do virtual?

### **Depoimento de Rodrigo Castro Pensando espaço na dança de salão/ dança a dois<sup>6</sup>**

A dança de salão contém um de seus espaços de realização na sua própria denominação. O salão. Lugares de prática, socialização, apresentação e criação sempre foram elementos intervenientes sobre os corpos em interação. Estes, num jogo de abertura, delimitação e proposição de espaços a serem ocupados, compartilham lugares imaginados, sugeridos, criados e consumidos sequencialmente. Há para tanto diferentes espaços a serem pensados e articulados tanto no exterior como no interior desses corpos em relação.

#### *ESPAÇOS DE EXPANSÃO/EXPLORAÇÃO*

Para além da reprodução ou representação do baile, num espaço tido como cênico, existem iniciativas que se utilizam da técnica da dança de salão na criação de um repertório coreográfico próprio e aberto às transformações inerentes a todo processo que se propõe inventivo, artístico e de exploração da expressividade. Estas iniciativas têm como derivação a consideração de espaços que não os comumente ocupados pelas danças de salão, o espaço do baile, os salões.

Este deslocamento abre possibilidades de ocupação de outros espaços não convencionalmente dedicados à arte, mas que já há algum tempo vêm sendo considerados nas reflexões acerca do transbordamento das artes para lugares não tradicionalmente dedicados a elas. Este debate considera ainda a influência que os espaços têm sobre a criação em si. Em artigo sobre site-specific art, Schiocchet (2011, p. 132) faz considerações acerca desta relação de interdependência.

Refletindo acerca do que permanece na interação entre os corpos na dança de salão, deslocada de seus espaços originais de socialização e sendo utilizada como ponto de partida para explorações com viés artístico, nota-se o

<sup>6</sup> Neste texto, os termos, dança de salão e dança a dois serão utilizados de maneira indistinta no intuito de denominar o mesmo rol de danças realizadas por um casal enlaçado ou em conexão pelas mãos. Uma discussão mais complexa, detalhada e precisa de quais danças e gêneros musicais as compreendem atualmente não é o objetivo neste momento. Isso não exclui a constatação da importância de que esta reflexão seja feita oportunamente.

espaço intercorporal/corporal. Onde quer que estes corpos se relacionem e independentemente do caráter socializador ou artístico, é neste espaço que se engendra toda a relação que determina estes tipos de danças como danças feitas a dois.

#### *CORPO-ESPAÇO, UMA ANALOGIA*

O espaço que se estabelece entre os dois corpos em conexão nas danças a dois, seja pelo enlace (abraço) ou pelo toque a partir das mãos, pode ser encarado como um espaço móvel onde o jogo de sua ocupação será partilhado ao longo de uma dança. O movimento de cada corpo em coordenação com o seu par estabelece um incessante aparecimento e desaparecimento de espaços de interação a serem ocupados e “co-ocupados”. Apoiando-se no trabalho de Miranda (2008) que em sua reflexão, utiliza e expande pensamentos de Bartenieff e Laban para a incorporação do espaço ao seu entendimento de corpo, daí sua ideia de Corpo-Espaço, foram propostas algumas experimentações onde o jogo intercorporal das danças a dois se fizesse presente a partir das reflexões da autora.

#### *O SEMINÁRIO: ESPAÇO PARA A PRÁTICA REFLEXIVA DE UM ESPAÇO ENTRE DOIS CORPOS*

A partir da obra acima citada, foi proposta como parte da prática reflexiva da referida mesa temática, uma vivência/experimentação, onde, organizados em duplas, uma faixa elástica ou barbante circundava os dois corpos da dupla, de modo a delimitar, no interior deste envoltório, o espaço de interação pretendido. Seguindo orientações dadas ao microfone, visou-se estimular, dentre outras, percepções e possibilidades de exploração relacional do espaço interno que separava e ao mesmo tempo unia os corpos, as tensões e contra-tensões possíveis, os reflexos do movimento de um corpo e sua transmissão ao corpo do outro como estímulo, continuidade ou impedimento, o diálogo dos centros gravitacionais em interação, etc. O intuito desta vivência foi permitir a sensibilização sobre características de interação dos corpos, na dança de salão/dança a dois, no que concerne ao espaço intercorporal, mesmo que na

ausência de domínio específico do repertório que a caracteriza.

A aproximação de pensamentos já consolidados acerca da correlação do corpo e espaço e a dança a dois, torna possível uma maior compreensão destas últimas e as potencializa como fonte produtora de conhecimento. Seu aspecto relacional, o jogo e os fluxos que atravessam seus espaços, apresentam-se como fundamentais no entendimento da dinâmica e dos parâmetros que caracterizam estas danças. Quaisquer que sejam os espaços de sua prática e seus usos, constituindo-se como elemento de socialização ou como gestualidade fecunda para criações artísticas, elas são atravessadas por questões psicofísicas, identitárias, morais, políticas e culturais que certamente estão presentes nos agenciamentos das intensidades entre os dois corpos que lhe configuram. Estudá-las de maneira mais acurada, analítica e sistemática pode contribuir também para a percepção de seu potencial como material de estudo multidisciplinar.

#### **Depoimento de Leticia Tadros**

##### **Rememorando as histórias com base nas narrativas**

A participação no Seminário Mário Santana aconteceu por meio de uma abordagem prática. Escolhi um formato de compartilhamento, em que o público pudesse contemplar e observar as reflexões, que permeiam a pesquisa de mestrado “Narrativas e vestígios da dança moderna: rememorados nos corpos que dançam hoje”. Para isso, fiz um recorte do espaço, e utilizei apenas o canto da sala, na estruturação de uma simples instalação. O intuito foi relacionar os elementos que apareceram durante o processo, em uma composição que acessasse o imaginário das pessoas presentes.

A função do meu corpo naquela composição, era apenas de repetir a ação de desnovelar os fios de lã e de caminhar continuamente. Enquanto o corpo repetia essas duas ações, um texto que foi escrito por mim em 2020, era projetado na parede daquele canto escolhido da sala. As poucas frases

que constituíam aquela escrita, revelavam a necessidade de rememorar o passado para compreender o momento presente. Nelas continham perguntas e inquietações, provocando reflexões de como caminhar em um chão, buscando frestas para compreender a história da dança. Quais histórias constituem esse chão? Quais vestígios de alguém que passou ou de algo que sucedeu que ainda está presente? Será o artista um arqueólogo?

Quando são propostas, no título desta pesquisa, as ideias de narrativas e vestígios, o intuito é partir para uma investigação ou a ação da artista arqueóloga, uma proposta utilizada por Lepecki “desenvolver uma relação nova com o chão supostamente neutro da dança, propor uma arqueologia da violência repisada que faz mesmo assim tropeçar o dançarino, apesar de todos os alisamentos” (LEPECKI, 2010, p. 15).

Iniciei os questionamentos rememorando minha trajetória, buscando entender quais eixos fundamentam dos meus conhecimentos no campo das artes. Identifiquei um fio que permaneceu desde a adolescência: o material relacionado à dança moderna, tanto teórico quanto prático. Por isso, propus que a pesquisa abordasse um estudo da genealogia desse conhecimento presente no contexto da contemporaneidade. Como recorte, escolhi a trajetória de artistas relacionadas à dança moderna, de modo que tomei como ponto de partida a bailarina e coreógrafa estadunidense Martha Graham e a seguir passei para duas artistas brasileiras, Ruth Rachou e Daniela Stasi, profundas conhecedoras da dança moderna norte-americana e que foram minhas professoras.

O desafio é desenhar um arco do contexto sociocultural em que a artista Martha Graham estava inserida quando começou a desenvolver sua obra artística e vocabulário técnico, no final da década de 1920. Acredito na necessidade de entrelaçar o que foi desenvolvido do vocabulário artístico, em ressonância com o contexto em que a artista vivia. Imaginar aquela época, aquele contexto e o espaço em que se constituiu o desenvolvimento de uma técnica

e de um material artístico até hoje presente. “Na medida em que a dança se transforma, também se transformam a noção do corpo e seus movimentos bem como suas relações com o espaço e com o tempo. Essas transformações também modificam os modos de criação coreográfica (...)” (GUALBERTO, 2018).

Toda narrativa, por mais pessoal e subjetiva que seja, tem muito a dizer sobre o mundo em que foi vivida, o tempo em que se construiu. Consequentemente, as produções e atuações nas artes constituem, também, um tipo de registro de certo momento histórico. Optei por entrevistar Ruth Rachou e Daniela Stasi, com o objetivo de compreender a experiência pessoal de cada uma, em relação à técnica de Martha Graham, e compreender a troca das experiências, das percepções de cada pessoa que desenhou e desenha uma trajetória singular em um determinado tempo e lugar. Consequentemente, foi necessário entender como o vocabulário que constitui a dança moderna chegou ao Brasil, especificamente, à cidade de São Paulo. Navas (1992) descreve a chegada das artistas estrangeiras que trouxeram o pensamento e o vocabulário da dança moderna norte-americana e europeia, expondo a genealogia dos conhecimentos em dança como técnicas e práticas de estudo do corpo, e como esse conhecimento foi disseminado e influenciou a formação de várias gerações de artistas no cenário brasileiro.

Utilizei as falas das entrevistas das duas artistas, como mais uma camada do compartilhamento no seminário. A composição do texto falado e a escrita projetada, somando-se às ações do meu corpo, visavam atrair o público para o contexto das narrativas que descrevem uma outra época da história, imagens de corpo e movimento, e são também referências de um pensamento de expressividade fundamentado na dança moderna.

Compartilho as reflexões relacionadas à história da dança moderna na cidade de São Paulo, realçando os traços que permitiram a permanência desse vocabulário ainda hoje nas instituições de formação e no circuito de aulas para a classe de dança independente.

Esse material tem importante ressonância em minha atuação como artista, mas agora identifico a responsabilidade em reincorporar questões que foram apagadas ou mesmo excluídas ao longo do caminho. Hoje me relaciono com esse material por uma nova perspectiva, propondo porosidade pelos atravessamentos silenciados no contexto do qual faço parte, assumindo minha responsabilidade nos ambientes em que atuo como artista, pesquisadora e professora.

### **Depoimento de Flávio Lima** **Práticas corporais do virtual, imaginário e real**

Após as restrições sanitárias decorrentes da pandemia Covid - 19, quando os espaços públicos foram fechados e as aulas de dança presenciais tiveram que ser canceladas, foi necessário buscar urgentemente novas formas de dar continuidade ao ensino de dança, outras possibilidades de prática e de convivência, ainda que cada um estivesse em sua casa, mas gerando o fazer dança de forma coletiva.

Para essas demandas, a tela do computador passou a ser os nossos outros olhos, e mesmo perdendo a tridimensionalidade, uma visão apenas bidimensional nas telas planas do computador ou celular, o uso digital se popularizou rapidamente seja, nas lives ou no ensino de dança por meio dos aplicativos da plataforma de reunião online.

Nesse contexto de fazer dança com a “presença” digital, do estar junto, do afetar-se de forma remota, onde cada um tem um espaço diferente, às vezes adequado e outras vezes um espaço mínimo para se movimentar, surgiram algumas perguntas: Como seu corpo se manifesta em um espaço delimitado? Como podemos nos adequar em diferentes espaços? Como a movimentação se dá para cada indivíduo no espaço por ele constituído?

São reflexões surgidas ao longo desse processo, para a exploração e construção de movimento do corpo a partir do território em que se está inserido nos espaços pessoais. A partir dessas reflexões, como proposta de

dar continuidade ao trabalho de corpo nas aulas remotas, a pesquisa era entender com o olhar as corporalidades geradas em cada espaço, como descreve a pesquisadora Leda Martins, “A pessoa é a materialidade do que prevalece na temporalidade agora, habitada de passado, de presente e de um provável futuro, um ser e um sistema no qual incide a ontologia ancestral” (2021, p. 63). E assim, a partir das necessidades geradas nesse ambiente virtual, o objetivo está na busca de exercícios que otimize e potencialize o desenvolver das corporeidades interligada diretamente ao espaço disponível para cada ser dançante, buscando a singularidade, a memória corporal na exploração de seus espaços reais, virtuais e imaginários.

Dessa forma, nas práticas corporais realizadas de forma virtual, o foco é propor a vivência, explorando a construção de movimento do corpo a partir do território em que se está inserido, onde as aulas de dança de forma remota se davam em espaços diferentes, em que os participantes tinham que negociar o que era proposto corporalmente com o seu próprio espaço físico.

A partir das experiências propostas nas práticas corporais de forma remota, na mesa teórico/prática foi proposto que cada pessoa delimitasse seu espaço pessoal, onde os participantes fizessem um desenho no chão no ambiente da sala de dança, com giz ou fita crepe. E a partir desse espaço delimitado, foi apresentada uma pequena célula coreográfica que os participantes tiveram acesso ao vídeo com a proposta de movimentação, projetado no telão, e/ou acesso via QR code no celular. O estudante podia acessar, explorando esse pequeno trecho coreográfico e percebendo como cada delimitação desenvolve uma corporalidade, interligada diretamente ao espaço disponível para cada indivíduo. O objetivo era que dentro desse espaço delimitado, cada um pudesse experimentar a sequência de movimentos aprendidas de forma virtual, sem ultrapassar as linhas desenhadas, repetindo a coreografia algumas vezes até que a sequência se tornasse algo natural e fluísse com agilidade.

A compreensão dessa vivência virtual nos deu a possibilidade de experimentar as práticas interativas e reinventar outras formas de relacionar-se com o público, usando a cria-

tividade para potencializar as práticas corporais entendendo como que as práticas virtuais atravessam a tela e atravessam o corpo em tempo real.

CAVRELL, Holly; TOLGYESI, Gabriel; TARUMOTO, Juliana; CASTRO, Rodrigo de; TADROS, Letícia; LIMA, Flavio. **Corpo e seus Espaços: Reais, Virtuais e Imaginários**. Campinas/SP: Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP; Instituto de Artes – IA/UNICAMP. Doutorado em Artes da Cena. CAPES; DS. Mestrado em Artes da Cena; CAPES; DS. Oficineira prática de dança; Mestrado em Artes da Cena; Bailarino e coreógrafo.; Doutorado em Artes da Cena; UNIVESP. Escola de Dança de São Paulo; Holly Cavrell.

## REFERÊNCIAS

BENCH, H. **Media and the no-place of dance**. Fórum Modernes Theater, v.23, n.1, p. 37-47, Junho, 2008. Disponível em <https://elibrary.narr.digital/article/99.125005/fmth200810037>. Acesso em 28 jul. 2022.

BENCH, H. **Perpetual Motion: Dance, Digital Cultures, and the Common**. 1. ed. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5749/978145296262>. Acesso em 12 out. 2022.

CAVRELL, H. E. **Dando corpo à história**. 1. ed; Curitiba; Prismas, 2015.

COSTA-BERNADINO, J.; MALDONA-TORRES, N.; GROSFUGUEL, R. (orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2. ed.; 3 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FIGUEIREDO, B.; ALMADA, I. **Ruth Rachou biografia**. 1. Ed; São Paulo; Caros Amigos, 2008.

GIL, José. **Movimento Total**. São Paulo: Iluminuras, 2013.

GUALBERTO, C. L.; **Coreógrafo: pra quê?** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Departamento de Artes Cênicas/Universidade Federal de Minas Gerais; Técnica Coreógrafa, 2018.

LEPECKI, A. Planos de Composição. In: GREINER, C.; SANTO, E. C.; SOBRAL, S. (orgs.). **Cartografia Rumos Itaú Cultural Dança: criações e conexões**. - São Paulo: Itaú Cultural, 2010.

MARTINS, Leda Maria. **Performance do Tempo Espiral: poéticas do corpo** - São Paulo: Editora BMF Gráfica Editora, 2021.

MIRANDA, Regina. **Corpo-Espaço: aspectos de uma geofilosofia do corpo em movimento**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

NAVAS, C.; DIAS, L. **Dança Moderna**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

OLIVEIRA, J. S. de. **Martha Graham e a dança moderna na linha de frente do movimento progressista**. 2020. 182f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-05082020-183153/pt-br.php>. Acesso em: 05 out. 2022.

## REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, J. S.; **A dança como arma política**. Anais do V Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança. Manaus: ANDA, 2018. p. 705-715.

SCHIOCCHET, Michele Louise. Site-specific art? Reflexões a respeito da performance em espaços não tradicionalmente dedicados a esta. **Urdimento**, [s. l.], v. 2, n. 17, p. 131-136, 2011. DOI 10.5965/1414573102172011131. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102172011131>. Acesso em: 11 jul. 2022.

SILVA, L. Germaine Acogny. Escritas de um corpo em tempos reais. Revista **O Menelick 2º Ato**, São Caetano do Sul, SP, 2014.

SILVA, L.; SANTOS, I. F. Colonialidade na dança e as formas africanizadas de escrita de si: perspectivas sul- sul através da técnica Germaine Acogny. **Conceição/Conception** Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Artes Da Cena. Campinas, SP, v.6, n.2, p.162-173, 2017.

SILVA, L. Corpo em diáspora: **Colonialidade, Pedagogia de Dança e Técnica Germaine Acogny**. 2018. 277f. Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas – Campinas, SP: [s.n.], 2018.

TADROS, L. **Entrevista com Ruth Rachou**. Entrevistadora: Letícia Tadros. Entrevistada: Ruth Rachou. Vídeo: 90 min. São Paulo, 27 mar. 2021.